

**O LUGAR DO SERTÃO EM ARIANO SUASSUNA:
UMA LEITURA GEOGRÁFICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE SERTÃO
NA OBRA ROMANCE D'A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE
DO VAI-E-VOLTA**

**THE PLACE OF THE HINTERLAND FOR ARIANO SUASSUNA: A WORK
ON THE REPRESENTATION OF THE HINTERLANDS IN THE NOVEL *O
ROMANCE DA PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-
VOLTA***

**EL LUGAR DEL SERTÓN EN ARIANO SUASSUNA: UNA LECTURA GEO-
GRÁFICA SOBRE LA REPRESENTACIÓN DEL SERTÓN EN LA NOVELA *O
ROMANCE DA PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-
VOLTA***

Ariel Roemer¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: O artigo a seguir se refere a pesquisa que consiste na compreensão do conceito de sertão no livro *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna. Tal discussão se insere nas questões de representações e ideologias geográficas no contexto de cultura popular. Portanto, é feito um debate sobre o papel do sertão na formação social, cultural, espacial e simbólica como um lugar específico. Tudo isso imerso na estética do Movimento Armorial, do qual Ariano Suassuna é fundador, no direcionamento do romance e na forma como o espaço sertanejo é representado.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; Sertão; Movimento Armorial.

Abstract: The following article refers to the research which consists on understanding the concept of the hinterland in the book *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* of Ariano Suassuna. This discussion is part of the questions of geographical representations and ideologies in the context of popular culture. Therefore, a debate is made on the role of the hinterland in the social, cultural, spatial and symbolic formation as a specific place. All this immersed in the aesthetics of the Armorial Movement, of which Ariano Suassuna is founder, in the approach of the novel and in the way the hinterland space is represented.

Keywords: Ariano Suassuna; Hinterland; Armorial Movement.

¹ Universidade de São Paulo, Estudante de graduação no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, E-mail: ariel.roemer@usp.br

Resumen: El siguiente artículo se refiere a la investigación que consiste en comprender el concepto del sertón en el libro *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna. Esta discusión es parte de las cuestiones de las representaciones geográficas e ideologías en el contexto de la cultura popular. Por lo tanto, se hace un debate sobre el papel del sertón en la formación social, cultural, espacial y simbólica de un lugar específico. Todo esto inmerso en la estética del Movimiento Armorial, del cual es fundador Ariano Suassuna, en el enfoque de la novela y en la forma en que se representa el espacio interior.

Palabras Clave: Ariano Suassuna; Sertón; Movimiento Armorial.

“Faço da originalidade um conceito bem diferente do de hoje, procuro criar um estilo tradicional e popular, capaz de acolher o maior número possível de histórias, mitos, personagens e acontecimentos, para atingir assim, através do que consigo entrever em minha região, o espírito tradicional e universal.” (SUASSUNA, 2008, p. 47)

1. ABERTURA EM CANTORIA ACADÊMICA

O tema deste artigo abrange as representações de sertão. Entretanto, isso seria amplo demais devido à grande diversidade de abordagens que existem acerca da temática. Logo é necessário tornar nosso objeto mais claro sem tirar sua concreticidade no mundo. A centralidade desta investigação é a busca pelas formas das quais o sertão é falado, imaginado, construído e idealizado.

Para abrir este leque de possibilidades é necessário ampliar os horizontes da Geografia, aproximando-a no diálogo com a Literatura, uma das formas de criação e difusão de diversas das imagens consolidadas e discutidas na cultura. Não obstante, cabe ao geógrafo ir atrás de materiais que à primeira vista não parecem de sua área, porém são de grande importância para pensar a formação social e territorial brasileira.

Sendo assim, dentre os grandes criadores sobre este conceito de espaço e sertão, foi escolhido Ariano Suassuna. O escritor traz em muitos dos seus escritos e reflexões o que seria e do que é constituído este suposto local. Sem esquecer de que ele não realiza essa empreitada sozinho. Na discussão proposta sobre sertão, cultura nacional e cultura

popular há um projeto estético e político pensado por outros artistas e intelectuais, que formam o Movimento Armorial. Em linhas gerais, as propostas deste grupo buscaram um resgate da tradição sertaneja popular como fundamento de uma cultura erudita brasileira. (SUASSUNA, 1977).

Há três grandes conceitos que não podem ser perdidos de vista durante o seguinte desenvolvimento. São eles: sertão; representação e cultura popular. Partindo dele é possível realizar o recorte de estudo que almejamos porque pretendemos ir além da significação enciclopédica nas nossas análises. De início, o sertão é um conceito quase que óbvio - ao pensarmos o objeto da pesquisa que envolve a produção do artigo em questão -, pois estamos falando sobre um espaço e como ele se constitui e é constituído. As representações são incluídas, pois por meio delas são amplificados sentidos e símbolos sobre os quais atores e autores tentam dizer o/no espaço. O último conceito, cultura popular, não pode deixar de ser abordado, visto que no projeto do Movimento Armorial, ela proporcionaria os fundamentos de uma cultura erudita tipicamente brasileira (o que também não pode deixar de ser colocado em debate).

Aqui é colocada em pauta a questão da cultura nacional a qual o Movimento Armorial se propôs a renovar e dar um significado que pudesse estar mais próximo de uma presumida realidade brasileira. Quase sempre relacionada ao sertão e as tradições da população que nele habita. Entretanto, por estarmos discutindo (n)o meio geográfico é importante examinar o impacto das ideologias constituídas sobre o lugar do qual estamos falando; repleto de significados. As representações e imagens formadas que analisamos não estão sozinhas nem são produzidas simplesmente a partir dele e para aquele lugar. É preciso levar em consideração que as representações espaciais também refletem como os processos, das mais diversas esferas, ocorrem em um local. (MORAES, 2005)

Um espaço, nesse sentido, se realiza ao estabelecer relações, portanto os recortes que realizamos na investigação não são dados ou naturais. Isso implica que não é possível tratar o objeto de forma cindida, como totalidade ou como parte, e sim ponderando essas duas condições. Ademais, porque é necessário articular as escalas em que trabalhamos, ou seja, não basta apenas falar de um sertão, mas de vários. (MORAES, 2003). Assim como o sertão que estudamos também tem impacto regional, no caso, a região definida como Nordeste. (ALBUQUERQUE JR, 2009). Em vista disso, qual seria a relevância

deste sertão apresentado e representado por Suassuna na formação brasileira, seja territorial ou cultural? (Já que estamos divagando sobre a cultura popular brasileira).

2. PEQUENA GLOSA EXPLICATIVA

Antes de adentrarmos com maior profundidade na jornada que este texto almeja, cabe atentar para alguns passos que demos até aqui. Primeiramente, como guia para muito do que já apresentamos, foi de grande importância encontrar as relações existentes entre Geografia e Literatura, vindo principalmente da leitura de Lowenthal (1985) e Cosgrove (2004), que o reconhecem a realização da Geografia em práticas cotidianas e artísticas não restritas ao conhecimento institucionalizado.

Também ressaltamos o papel de Suassuna no movimento, sua vida e sua obra, para entender também seu papel nos processos que levaram à constituição dessa organização e a sua influência nele. Desta forma nos utilizamos muito do trabalho de Nogueira (2002), Newton Júnior (2014) e alguns dos próprios ensaios de Suassuna na coleção *Almanaque Armorial* (2008) e de seu romance póstumo, que aborda muitos aspectos da sua relação com o sertão e com a sua própria criação artística *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017)

Chegamos ao estudo rigoroso sobre o romance épico de Ariano Suassuna *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Este não fica recluso em si, pois as imagens apresentadas possibilitam a visualização de um certo sertão com cunho simbólico e geográfico. Ou seja, nos traz a diferença do sertão de Suassuna em relação a outros. Foram alguns desses indícios que buscamos na leitura da obra, evitando inclusive uma simples transposição crua do que está (d)escrito sobre a existência da realidade local (LOWENTHAL, 1985).

Como vigem física, realizamos um estudo de campo ao município de São José do Belmonte, Pernambuco. A cidade é de grande relevância, pois há forte identificação de sua população e dos âmbitos institucionais com os eventos descritos sobre a Pedra do Reino. Inclusive, a partir do romance e de um movimento de jovens entusiastas da história local, passaram a ser realizadas cavalgadas anuais, com direito à espetáculo que mobilizam toda a cidade proporcionando diálogos constantes com obra de Suassuna (CARVALHO, 2003). O que colabora para a constituição de um ponto turístico na cidade, onde

também há o Sítio Histórico da Pedra do Reino (SÃO JOSÉ DO BELMONTE, 2019). Inclusive o contato sincero, mas sempre marcado por certa tensão, possibilitou a desconstrução de um olhar espelhado em ideologias geográficas. Nas palavras de Lowenthal (1985, p. 136): “Os estereótipos influenciam o como aprendemos e o que sabemos sobre cada lugar do mundo”.

3. VIAGEM TURBULENTA ATENUADA

3.1 A terra que pisamos

A Literatura e a Geografia ocupam campos de estudo diferentes na academia. Entretanto, podem servir-se uma da outra para melhor compreender seus objetos de estudo e propor novas análises. O que tratamos a seguir consiste no estudo da literatura para compreender de outra forma o espaço geográfico, tomando não apenas abstrações ou fenômenos como base, mas a própria materialidade que envolve a nossa empreitada. Para isso, podemos pensar no romance em questão como suporte utilizado para compreender uma realidade material e simbólica.

A obra referida é o *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna. O que queremos é, a partir do livro em questão², compreender qual é o lugar representado pelo autor. Não no sentido da descrição e localização, mas qual seria o seu caráter no contexto político, cultural e geográfico e como ele se diferencia de outras propostas de leitura já feitas.

Para compreender onde se insere a obra de Ariano Suassuna é necessário entender de onde vem seu projeto literário, bem como sua visão de cultura e identidade brasileira.

Em 18 de outubro de 1970, no Recife, é lançado o Movimento Armorial. Com um concerto da Orquestra Armorial de Câmara e uma exposição de gravuras, pinturas e esculturas. Este é o marco inicial do movimento do qual Suassuna faz parte e é fundador junto com outros artistas como César Guerra-Peixe (compositor e regente da Orquestra Armorial) e Francisco Brennand (pintor e escultor). O objetivo do movimento seria o de

² Utilizamos a 15ª edição do livro, publicado em 2016 pela José Olympio Editora. A primeira edição data de 1971 também pela José Olympio. A edição mais recente, é de 2017 sob o selo da Editora Nova Fronteira.

encontrar uma arte e literatura erudita nacional a partir das raízes populares nordestinas. De acordo com o próprio autor o movimento seria definido por:

A arte armorial brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos folhetos do “Romanceiro Popular do Nordeste” (literatura de cordel); com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus cantares; e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a formas das artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados.(SUASSUNA, 1977, p. 39)

É a partir de cultura popular realizada por meio da tradição, repleta das criações próprias com o intuito de viver e se reconhecer à margem da civilização europeia e industrial, que tornam tal produção singular. Sendo essa a concepção adotada pelo movimento é por meio dela que devem ser pensados os aspectos geográficos da produção de Suassuna. Por se tratar de uma representação é necessário compreender que ela não é a realidade sem filtro (o que também é bastante discutível). No romance armorial há uma narrativa mágica e cavaleiresca que está presente nesta proposta de leitura do sertão. Por isso, não devem ser esquecidas outras representações deste espaço, nem tomar o que se apresenta na Pedra do Reino como a verdade sobre o local que se fala.

Neste sentido, a cultura popular entra como um conceito de peso ao pensar o que o movimento propõe. Na Pedra do Reino o conceito se aproxima muito com o que Bakhtin apresenta, principalmente quanto a não oficialidade desta cultura, seja em relação à religião ou ao Estado (BAKHTIN, 1999). Além disso, outro aspecto ressaltado por Bakhtin na cultura popular é o do carnaval. No período Medieval e no Renascimento, o processo de carnavalização tinha grande importância. Isso decorre da sua relação próxima com os cultos religiosos, distanciados da doutrina oficial. O momento do carnaval é o de representação utópica da própria vida real. Nesse processo, há rebaixamento das grandes instituições e inversão de papel das autoridades, constituindo uma paródia sobre a ordem. É o riso que nega e renova, incluindo quem realiza tal procedimento humorístico (BAKHTIN, 1999).

É nesse movimento popular de renovação e rebaixamento que entra o Realismo Grotesco, caracterizado por Bakhtin como uma estética em que o cósmico, o social e o corporal estão interligados. O princípio material e corporal se conectam ao resto do mundo de forma universal. Não há a separação cartesiana entre o corpo e a natureza. O

povo é o porta-voz desse princípio, pois é a ele quem pertence o carnaval. Tudo o que é ideal, abstrato e elevado é rebaixado ao mundo material. A partir dessa concepção, o corpo está em comunhão com o mundo. Entre o nascimento e a morte, na mesma unidade (BAKHTIN, 1999).

Ao passarmos para o debate sobre sertão devemos ser delicados, pois ao longo da história a concepção de um espaço como sertão foi sendo alterada. Não haveria como caracterizar, localizar, cartografar e delimitar um conceito que se altera. Sendo assim, sua existência não é totalmente empírica, muito menos uma condição natural explícita (MORAES, 2003). O conceito não é de simples verificação na ida ao campo. Nas palavras de Moraes:

Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo. (MORAES, 2003, p. 2)

Sendo assim, a realidade do sertão não é somente geográfica, mas também circunstancial. Ou seja, terá sua existência conforme o contexto em que o conceito é utilizado em dado momento histórico, também conferindo valor qualitativo ao espaço que recebe tal conceituação. Trata-se, portanto de uma ideologia geográfica, pois o local sertanejo é definido a partir de uma apropriação simbólica de um local e de seu uso político, inclusive abarcando aspectos climáticos, geomorfológicos e biológicos (MORAES, 2003). Porém, há algumas características que formam o imaginário de sertão e possibilitam a proposição de um local; principalmente quanto a sua concepção de espaço num futuro concebível. De tal forma, uma característica marcante de um sertão seria a presença de agentes de transformação na sua forma de ocupação e exploração pretérita ou originária (o que resulta em diversos apagamentos étnicos e epistemológicos). Ou seja, é um território que deve vir a ser algo que ainda não é (LIMA, 2013), muito ligado a possibilidade de expansão territorial. Outra característica forte da denominação nos remete à colonização, em que a definição de sertão está pelo contrário, o que significa dizer que a sua existência é condicionada a oposição de outros lugares diferentes dele mesmo. Condição costumeiramente imaginada pelo binômio civilização/barbárie. No Brasil, a oposição comumente feita é em relação ao litoral. Se o sertão está sempre definido pelo vir a

ser e pelo oposto, tal concepção é externa a ele, ou seja, é formada a partir de interesses exógenos. Isso quer dizer que, ideologicamente, tal espaço deve ser mudado. Seu ponto de partida é a negação do projeto concebido para o futuro (SOUZA, 1997). Isso implica em um distanciamento da situação sertaneja, colocando tal condição como isolada, fora do cotidiano moderno, ponto defendido fortemente por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (CUNHA, 1984). Mesmo assim, tal isolamento nunca é completo, visto que o espaço já seria conhecido (mesmo que numa concepção positivista) e estaria implicado em projetos modernizantes (MORAES, 2003). Portanto o que torna o espaço um sertão é a diferença paisagística e cultural condicionada por sua população, comumente transformada em bárbara ou ignorante. Dessa característica vem outra associada historicamente a essas localidades, que é a de estranhamento com a população que o habita, que se diferenciam do restante da nação, são exóticos, tipificados, de outra época.

3.2 O homem que encontramos

Voltemos nossa atenção para a obra e o autor, pois a partir deles desenvolvemos a visão acerca do sertão enquanto local de inspiração e de criação.

Ariano Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927 no Palácio da Redenção, na cidade da Paraíba (atual João Pessoa), Paraíba. Foi dramaturgo, escritor, professor e pensador do Brasil. Seu trabalho tem grande repercussão, tendo sido fundador do Movimento Armorial, secretário de Educação e Cultura do Recife (1975), membro da Academia Brasileira de Letras e com várias de suas obras adaptadas para a televisão. Mesmo que isso bastasse, ainda é necessário realizar o debate acerca de seu trabalho. Por essa razão deve também ser retomado o caráter geográfico da Pedra do Reino, bem como as implicações, para a cultura popular e para a identidade brasileira, de um autor de tamanho porte (NEWTON JÚNIOR, 2014).

Um dos eventos marcantes em sua vida, que inclusive irá influenciar em grande parte de sua obra é a morte de seu pai João Suassuna, então deputado federal, em 1930. A sua morte esteve envolvida nos conflitos políticos do governo do Estado da Paraíba em meio à eclosão da chamada Revolução de 30. Este evento marca a família Suassuna e os obriga a deslocarem-se constantemente, até se estabelecerem em Taperoá, no sertão dos Cariris dos Velhos da Paraíba em 1933. Até 1942, a família permanece nessa cidade. É

neste período que Ariano Suassuna será influenciado pela cultura sertaneja na sua formação como sujeito e como escritor (NOGUEIRA, 2002).

Em diversos de seus escritos a questão sobre a cultura popular e o sertão se fazem presentes, principalmente pela busca de uma universalidade cultural advinda da tradição regional. Muitas dessas características envolvem a subjetividade do escritor. Portanto, não se pode negar a vivência de Suassuna, principalmente em sua infância, que irá ser de grande relevância para os aspectos de sua obra. Dentre esses aspectos, enfatizamos a própria cidade onde viveu no sertão, Taperoá. Não se pode esperar menos de um autor que viveu o sertão e entende a sua relevância para a forma que a sua obra possui. Sua subjetividade foi formada pelo tempo e espaço em que ele foi criado:

Mas o fato é que tal posição praticamente identifica o regionalismo com qualquer ato criador, pois só considera ilegítima a posição do artista que cria sua obra descarnadamente de qualquer tempo ou espaço, o que [...] é uma posição que só se admite teoricamente, para efeito de discussão. E então para que o nome regionalismo? Este, volta a assumir aquele caráter de comunhão com a realidade, ora através da região que cerca o artista - o que é a posição normal -, ora de outra de sua livre escolha. (SUASSUNA, 2008, p. 52)

O que nos propusemos foi entender a relevância de seu trabalho para uma outra leitura de sertão, neste caso, o sertão situado entre Pernambuco e Paraíba. O palco do *Romance d'A Pedra do Reino e do Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Assim, vale, numa releitura euclidiana, compreender a terra, o homem e a luta nas suas imbricações, encontros e conflitos.

3.3 A luta que travamos

O enredo do *Romance da Pedra do Reino* nos conta a trajetória da família de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, autodenominado Dom Pedro IV, “O Decifrador”, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil (SUASSUNA, 2016). Entremado a tudo isso, o romance conta sobre a profecia do Príncipe Alumioso do Cavalo Branco, evento anunciado logo no início, mas que só é compreendido ao final do percurso narrativo.

A partir de uma cela de prisão, no alto de uma torre na Vila de Taperoá, Quaderna conta da sua linhagem real sertaneja, que acumula mais de um século de história. Desde 1835, quando se inicia o primeiro Império na Pedra do Reino, até 1938, momento em que o narrador está situado a espera do início do Quinto Império de sua família, que seria anunciado pela chegada do Príncipe Alumioso, Sinésio, montado no cavalo Branco.

Quaderna narra a própria vida por meio do depoimento a um corregedor, que o investiga pelos crimes de assassinato de seu padrinho e conspiração com os comunistas da Coluna Prestes, que o levaram a reclusão na torre. No entanto, o personagem quixotesco e picaresco apresenta a narrativa com a pretensão de legitimar a sua herança como rei contador de histórias e sátiras. Sua arma não é a espada, mas o verso do folheto de cordel e por isso o restabelecimento de sua família se daria a partir do marco, da fortaleza, do castelo da Pedra do Reino: o local sagrado, localizado dentro do que ele chama de Coração do Brasil. Entre o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba, nos sertões do Cariri, Piancó, Pajeú e Seridó (SUASSUNA, 2016).

Considerando esses aspectos, tomamos Dom Pedro Dinis Quaderna como um contador de histórias do sertão que ficou em Suassuna. O herdeiro do império sertanejo é um cantador, que tenta trazer diversas dimensões deste espaço ao apresentá-lo múltiplo e rico de símbolos, principalmente a partir das linguagens próprias do lugar. Não é por acaso que o livro está dividido em folhetos ilustrados por xilogravuras (SUASSUNA, 2016).

Albuquerque JR. (2009) posiciona Suassuna como um autor dos espaços da saudade, em que o sertão seria atemporal e repleto de mitos, onde aristocracia e pessoas simples convivem no mesmo espaço. Isso não deixa de ser contado por Quaderna, mas não é por isso que tal abordagem deva ser completamente arrasada. A representação não é a identidade formal lógica, o que não significa que ela não tenha fundamentação material. Sendo assim, “O objeto imediato da descrição, o primeiro plano de todas as imagens, é o mundo dos lugares habitados familiares, pessoas vivas e conhecidas, objetos vistos e apalpadados.” (BAKHTIN, 1999, p. 392). O que se representa demonstra a contradição do sujeito manifestada nas imagens colocadas em jogo, no que é dito e no que também é omitido (LEFEBVRE, 1983).

Dom Pedro Dinis, não deixa de ser um personagem contraditório, ainda por cima se pensarmos que ele é uma caricatura do próprio autor. E isso faz parte do processo

singular de Suassuna, que não se coloca dentro da obra, mas como parte de uma personagem que integra este espaço, que é sertanejo.

Como meio de se contar essa história o folheto de cordel é uma das melhores manifestações do lugar, pois ele é um meio popular de grande circulação que pode ser informativo, mas também pode contar grandes aventuras, pode trazer eventos do passado, enaltecer heróis, protestar contra a miséria, a seca e o cangaço. Arraigado à feira, é nela que se organiza a sociedade agropastoril onde ocorrem as trocas de bens materiais e simbólicos do sertão (CAVIGNAC, 2006).

Nada mais justo do que Quaderna ser um cantador. É ele quem irá veicular as imagens do sertão e é por isso que ele seria o mais apto a contar a sua saga familiar. Inclusive, ele não é o grande herói cavaleiro, lutador, mas quase um Quixote, desajeitado e crente (mas não iludido como o herói espanhol) da narrativa que cria para seu reino simbólico.

A questão do patrimonialismo também é forte no que Quaderna traz em si mesmo e no que narra. O destino do sertão dependeria da glorificação e do retorno de sua família ao poder do Império do Brasil. Entretanto, a sua família foi perseguida e injustiçada no passado. Seria pela retomada do que lhe pertence por direito que a prosperidade voltaria a existir, partindo sempre da fortaleza da família: A Pedra do Reino. Fica centrada na instituição da família aristocrática, proprietária de terras e decadente o resgate de um passado outrora rico em cavaleiros, princesas, batalhas e rituais sagrados. Não deixa de ser curioso, que a família de Suassuna passa por um processo parecido de perda do poder e uma certa forma de exílio por conta de perseguições. Algo que reforça em muito a sombra do autor pairando na caracterização da personagem principal.

O messianismo é outro elemento presente no romance. A família herdeira de todo o império também é responsável por trazer a salvação espiritual. Dom Pedro conta do Príncipe do Cavalo Branco: Sinésio, O Alumioso, que anuncia a chegada de uma nova era no sertão, representante da salvação desse lugar a partir do mito de Dom Sebastião (rei português desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, homônimo do padrinho assassinado de Quaderna, Dom Pedro Sebastião). Ao trazer este aspecto, há a incorporação de mais um fator recorrente no sertão, que são os movimentos messiânicos. Estes trazem promessas de mudança a partir da religião, também apropriada de forma singular. Nele há a peregrinação em direção ao lugar prometido. O que coloca a questão deste espaço

ser sempre um vir a ser, à espera da realização de uma profecia, uma caminhada em direção ao que ainda não é (MORAES, 2003). Inclusive, o movimento messiânico da Pedra Bonita, também chamado de Tragédia da Pedra Bonita, é o evento histórico em que se baseia o romance contado de forma mágica (LEITE, 2018).

4. CONSAGRAÇÃO DA JORNADA

A guisa de conclusão, é possível interpretar Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna como o estandarte deste Brasil da inversão de papéis, fazendo um esforço de valorização do sertão que ao invés do vir a ser, já é. Rico e com diversos significados vindos do popular, deveriam fundamentar a erudição brasileira na perspectiva armorial. Não é uma questão de nacionalismo, mas de compreensão das influências que concebem este espaço e como os personagens trazem tais elementos ao romance. O narrador, tão importante, como cantador dessa história busca trazer todos os elementos constituintes dessa riqueza, estabelecendo no tabuleiro do sertão o espaço onde essas forças irão se encontrar e expõe uma cultura própria. Um sertão que pode ser analisado em uma totalidade por si e não em função do litoral.

Ainda assim, o estigma do sertão enquanto um espaço vazio foi constantemente repostado na tradição institucionalizada do pensamento social brasileiro, tanto antes quanto após a fundação de faculdades de ciências humanas (LIMA, 2013). Diversas dessas imagens foram reelaboradas, mantendo uma situação que parece consagrar o sertão a um folclore, algo que seria apenas um resquício de tradições mágicas e passadas, não como algo que mesmo em relação a outros locais é capaz de se estabelecer e se determinar. Especialmente porque, enquanto ideologia geográfica, o discurso de esvaziamento do sertão serve cada vez mais ao objetivo modernizador de preenchê-lo com objetos, projetos, políticas, obras e ações que embaçam a sua especificidade como lugar. Suassuna nos mostra que as chapadas mais secas, os mandacarus mais espinhosos, as onças mais selvagens e as pessoas mais “simples” são grandiosas, carregam história, sentidos e conformam seus territórios.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª edição. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 5ª edição, corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011, p. 171-193

CARVALHO, Ernando Alves de. *Pedra do reino: a tragédia que virou festa*. 3ª edição. Recife: Editora Coqueiro, 2003

CAVIGNAC, Julie. *A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil: Da história escrita ao relato oral*. Natal: Editora da UFRN, 2006.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. 2ª edição. Rio de Janeiro; EdUERJ, 2004, p. 92-122

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. (Edição didática preparada por Alfredo Bosi; cotejo e estabelecimento do texto por Hersílio Ângelo). 3ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1982

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia - contribucion a la teoria teoria de las representaciones*. México, DF: Fondo de Cultura Economica, 1983.

LEITE, Antonio Attico de Souza. *Fanatismo religioso: memória sobre o reino encantado na Comarca de Vila Bela - Com juízo crítico, prefácio e organização de Débora Cavalcantes de Moura*. 4ª edição. Recife: D. Cavalcantes de Moura, 2018.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 2013.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) *Perspectivas da Geografia*. 2ª Edição. São Paulo: Difel, 1985. p. 103-141

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia Crítica: a valorização do espaço*. São Paulo, Editora Hucitec, 1984.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão um “outro geográfico”. *Terra Brasilis* [online]. São Paulo. v. [s.n], n. 4-5, p. 1- 8, 2003. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>> Acesso em: 20 jun. 2019.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas: Espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *Ariano Suassuna: vida e obra em almanaque*. Recife: Caixa Econômica Federal, 2014.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DO BELMONTE. *Prefeitura de São José do Belmonte*. 2019. Disponível em: <<http://saojosedobelmonte.pe.gov.br/>> Acesso em: 27 jun. 2019.

SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

SUASSUNA, Ariano. *Almanaque Armorial*. Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SUASSUNA, Ariano. O Movimento Armorial. *Revista Pernambucana de Desenvolvimento*,. Recife, v. 4, n. 1. p. 39-64, jan-jul, 1977.

SUASSUNA, Ariano. *O romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 15ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SUASSUNA, Ariano. *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Recebido em 28/03/2020.

Aceito em 05/09/2020.

Publicado em 15/10/2020.